

Aureliano não procura. Quer ser procurado.

Vitorioso nas prévias do PFL, Aureliano Chaves, contrariando a expectativa da corrente derrotada, ainda não teve a preocupação de telefonar a nenhum dos líderes do chamado "grupo independente" do partido. Hoje, seu adversário nas prévias, Marco Maciel, está seguindo para a Europa sem ter sido procurado pelo candidato vitorioso.

Aureliano ficou sabendo da insatisfação dos liderados de Marco Maciel, que não receberam sequer um aceno do vitorioso. "O Aureliano ganhou, mas não teve a gentileza de nos telefonar, pedindo o apoio do grupo e, quem sabe, convidar o Marco para ser o candidato a vice-presidente", desabafou, em Brasília, um dos parlamentares mais ligados ao senador pernambucano.

Sem esconder sua irritação, Aureliano comentou que, pela tradição, caberia ao derrotado telefonar ao vencedor, cumprimentando e acatando os resultados. "Se o Marco preferiu viajar para a Europa; tudo bem. Que faça boa viagem", disse ele, em seu apartamento de Belo Horizonte. E não ficou nem um pouco animado com a notícia de que alguns amigos de Marco

Maciel estão admitindo a hipótese de o senador ser convidado para compor a chapa. Aureliano não está pensando nesta possibilidade por enquanto, e nada indica que poderá pensar nisso mais tarde.

A escolha do vice não chegou a ser examinada por Aureliano — seria um político de São Paulo ou do Nordeste, do próprio partido ou de outra legenda em coligação. A convenção que deverá homologar sua candidatura será em junho. Aureliano prefere que se realize "até o dia 18".

Ao ler declarações de líderes do "grupo independente", de que poderá ser o candidato "do governo, o candidato do Sarney", Aureliano fica irritado. Sem conseguir evitar um sonoro palavrão, ele garante que não poderá ser chamado de candidato chapa-branca — "mas também não vou cuspir no prato em que comi", acrescentou, lembrando sua condição de ex-ministro do presidente Sarney, a exemplo de Marco Maciel (duas vezes) e de Jorge Bornhausen.

"Não pretendo atacar, nem elogiar o governo. Também não estou pensando em atacar outros candidatos. O PFL deve cui-

dar de sua campanha, transmitir suas teses, seu programa, e não ficar se preocupando com o presidente e com candidatos de outras legendas", diz ele. "Por que iria atacar Ulysses, ou Mário Covas, homens que respeito e admiro? Não vou me preocupar com o Collor. Vou me preocupar com a minha candidatura."

Aureliano desmentiu que tivesse comunicado ao ministro Antônio Carlos Magalhães que desistiria da candidatura se dentro de um mês, ou pouco mais, não avançasse nas pesquisas. "Telefonei outro dia a Antônio Carlos Magalhães para agradecer seu apoio e seu empenho a favor de minha candidatura nas prévias. Disse a ele, então, que dentro de 60 dias, mais ou menos, deveríamos realizar uma avaliação conjunta da candidatura e da campanha", relatou.

"Seria para desistir ou continuar?"

"Seria para avaliar. Não quero apoio constrangido, forçado, pela amizade, ou para segurar o partido. Acho que todos devem ficar à vontade, assumindo, em conjunto, a responsabilidade da campanha. Foi isso", explicou.

Flamarion Mossri/AE